

Três imagens da resistência em Foucault

THREE SCREENS OF RESISTENCE IN FOUCAULT

*Yolanda Gloria Gamboa Muñoz**

* Yolanda Glória Gamboa Munõz é professora do departamento de Filosofia da PUC-SP e pesquisadora-colaboradora da Unicamp.

Proponho o jogo a seguir: tomemos um filme ao acaso e retiremos a história que ele narra (...). Chegados a certo ponto as imagens começarão a fazer proliferar novas relações, relações de simpatia e repulsão. E agora vem o melhor: tentemos explicitar as novas conexões contando outras histórias. É evidente que essas novas ficções não terão as mesmas características que a ficção-mãe. Ao começo, talvez, elas pareçam com um afresco semidestruído, que tentamos restaurar, porém trata-se de um afresco muito peculiar, em que cada parte reclama uma restauração diferente.

(Raul Ruiz)

Aproximação ficcional.

Nietzsche, pensador que quer ir além do ressentimento, encontrará em seu caminho um “tipo” não ressentido: Cristo. Recolherá, por outra parte, um personagem que passa ao seu lado e continua caminhando, enquanto o próprio Nietzsche permanece sentado; trata-se de Zaratustra, que em cuidadosos discursos declamados em diferentes cenários da terra, torna-se imune ao ressentimento. No entanto, cada vez que aparece o “tipo” Paulo, com a marca do ressentimento, Paulo contará sua própria “história” e, desta maneira, será separado e diferenciado tanto de Cristo como, posteriormente, de Zaratustra.

Foucault, pensador relacional, que quer ir além das relações de identidade e causalidade, encontrará em suas andanças filosóficas – e não filosóficas – a resistência, categoria negativa, que tende a se repregar na forma do ressentimento. Talvez, lutando para liberá-la de sua negatividade a enviará à guerra e, posteriormente, realizando um salto com e junto dela, irá transformá-la em “catalisador químico”.

I - Resistência na História da Filosofia.

Para Gérard Lebrun, seu amigo Foucault desconfiava da história da filosofia e declarava não praticá-la¹; por exemplo, a *Arqueologia do Saber* mostraria sua tentativa de desconstruí-la. Porém, a noção de *ruptura* seria de difícil manipulação na história da filosofia. Neste sentido, Lebrun advertia não ser suficiente a ruptura declarada de um autor com uma determinada tradição, ou com um de seus predecessores, para perder toda relação com eles.²

Perguntemo-nos: Com que tradição filosófica tratou de romper Foucault e como se transformou num pensador da resistência afirmativa e catalizadora? Respondamos de forma provisória com uma constatação: a resistência possui ligações como âmbito dos *cenários filosóficos*, sendo possível escutar, na discursografia³ de Foucault, determinadas ressonâncias de sua leitura de Kant, Hegel e Nietzsche. É dessa forma que queremos vislumbrar uma primeira imagem da resistência: atada à denominada história da filosofia, mas que não oferece passivamente a outra fase.

Como provam diferentes estudos dedicados ao denominado período do poder em Foucault, é neles que surge fortemente a problemática da resistência⁴. Recolhamos uma entrevista de 1977, que analisa a expres-

1 “Note sur la phénoménologie dans Les Mots et les Choses” in : Michel Foucault philosophe. Rencontre internationale, p.33. Todas as traduções, sem indicações específicas do tradutor, são nossas.

2 Idem, p.47.

3 Desde nossos trabalhos de 1994 usamos esse termo para caracterizar a diversidade de escritos de Foucault e evitar o termo “obra”.

4 Por exemplo, aqueles estudos que optam pelo período de 1975-1976 para analisar a resistência: Branco, Rosele “Lá onde há poder, há resistência”, PUC-SP, 2014.

são da *Vontade de Saber* “*onde existe poder, existe resistência*”⁵. Por seu intermédio, Foucault afasta-se da teoria do poder como ‘coisas’ (substâncias) e da opção estético-moral que o qualifica de “mau”, “feio” e “morto”. Trata-se da ocasião em que concebe a resistência como co-extensiva e contemporânea ao poder que enfrenta. Da mesma maneira que o poder, a resistência teria que ser inventiva, móvel e produtiva, vindo desde baixo e distribuindo-se de forma estratégica⁶.

Em outras ocasiões discursográficas⁷, suas reflexões sobre poder e obediência teriam sido, segundo nossa leitura, tática e gradualmente conduzidas para a problemática da resistência⁸, principalmente, mediante o entrecruzamento temático de perigos, diagnóstico intelectual e uma determinada configuração estratégico-nominal do poder. Acrescentemos que o poder, como configuração nominal, será pensado a partir do “modelo Nietzsche” em forma de relações de forças, e seu exercício terminará por ser caracterizado como um “conduzir condutas”⁹. Neste cenário a resistência constituirá a outra fase de um poder relacional e produtivo, possibilitando o próprio movimento de uma discursografia que o modifica e aperfeiçoa.

Nas complexas relações discursográficas de Foucault com Kant,

5 *Volonté de savoir*, p.125.

6 Foucault, « Não ao sexo-rei » in: *Microfísica do poder*, p. 241.

7 Usamos simplesmente ocasiões para não cair nas “armadilhas” das ordenações foucaultianas, quando utilizadas com evidência e de forma mecânica, por exemplo: saber, poder e subjetividade.

8 “Obedecer! Escutando ecos nos escritos de Michel Foucault e Paul Veyne” <http://www.periodicos.ufes.br/sofia/article/view/11562>

9 Foucault, “Deux essais sur le sujet et le pouvoir: I. Pourquoi étudier le pouvoir: la question du sujet; II. Le pouvoir, comment s’exerce-t-il?”, in H. DREYFUS & P. RABINOW. Michel Foucault. *Un parcours philosophique*, p. 314.

incluindo um uso de Kant como casca ordenadora (*coquille vide*)¹⁰ de seus escritos (saber, poder, subjetividade), existe um ponto pouco ressaltado: a possibilidade de pensar a resistência como categoria não-negativa que demanda reciprocidade, na que Foucault insistirá sobretudo ao pensar as relações no denominado âmbito da subjetividade, poderiam ter sido extraídas heurística e estrategicamente da *Crítica da Razão Pura* de Kant¹¹. Recordemos que em sua Tábua de Categorias, na parte denominada *Da Relação*, Kant distingue: Inerência e subsistência (*substantia et accidens*); causalidade e dependência (causa e efeito) e comunidade (ação recíproca entre agente e paciente)¹². Foucault fornece uma pista sobre sua posição a respeito em “Le souci de la vérité”, ao afirmar que em seu trabalho sobre as estruturas de poder e as diversas formas de saber trata-se de relações (“*rappports*” et “*relations de conditions*”), e não de relações de causa/efeito e, a “*fortiori d’identité*”¹³. Em todo caso, pensando ou não pensando com as categorias de Kant, as problemáticas da resistência e das relações recíprocas permanecerão inseparáveis da travessia foucaultiana, considerando que, neste ponto, Foucault desconsidera a esteira crítica de Schopenhauer, para quem Kant guiava-se pelo “gosto gótico da simetria arquitetônica” ao construir sua tábua de categorias, incluindo nela a categoria de relação recíproca. Especificamente, para Schopenhauer, da mesma forma

10 Como mencionado nos artigos: “Problemas de uma teoria das ciências humanas” (Integração, ano II, no6, ago., 1996) e “Foucault, o outro que passa por nós” (in: O mesmo e o outro, 50 anos da História da Loucura, Autêntica Editora, 2013).

11 Kant, *Crítica da Razão Pura*, p.111

12 Após o desenho da Tábua de Categorias sua complementação futura surge na forma de acrescentar predicáveis. À categoria de comunidade poderiam ser acrescentados: presença e resistência. (p.95)

13 Foucault, Dossier Michel Foucault, in: *Le Magazine Littéraire*, 207, p.22.

que a lógica rejeita o círculo vicioso, devemos descartar da metafísica o conceito de ação recíproca¹⁴.

Por outra parte, a existência de figuras que se mostram como o avesso da resistência no “cenário filosófico” se dimensiona pertinentemente no escrito *O avesso da dialética: Hegel à luz de Nietzsche*, que trabalha com operadores nietzschianos, localiza o universo hegeliano precisamente como anulação de toda situação de força¹⁵ e avalia as denominadas “liberações” hegelianas como “*Incapacidade de resistir transformada em ontologia*”¹⁶. Some-se a já conhecida luta explícita de Foucault diante de diversos pontos do universo hegeliano¹⁷ – especialmente a sua análise da “mediação universal” como um reforço da “logofobia”¹⁸ – sua busca prematura de abandono do que é animado pelos poderes do negativo. Podemos mencionar também o posterior abandono dessa luta explícita vislumbrando a implosão transfigurada do próprio *cenário dialético* por intermédio da acentuação do esquema estratégico, do trabalho com metáforas guerreiras e com o destaque de elementos nietzschianos e anti-

14 Schopenhauer, Crítica da Filosofia kantiana, In: Schopenhauer, Os pensadores, p.121. Aliás, segundo sua crítica: “O conceito de ação recíproca contém que ambos (A-B) são causas e ambos efeitos, um do outro: mas isto é o mesmo que dizer que cada um dos dois é o anterior e, também, o posterior: o que é impensável”. Por isso, afirmará categoricamente que “O conceito de ação recíproca não pode ser documentado por nem um único exemplo”.

15 Esta seria uma opção dissimulada pela maquinaria hegeliana. (Lebrun, O avesso da dialética: Hegel à luz de Nietzsche., pp.11 e 184)

16 Idem, p.184.

17 Todavia, segundo G. Lebrun (O que é poder, p. 85 e 87), Foucault também teria permanecido próximo de Hegel ao considerar o Estado Moderno mais manipulador do que dominador, preocupando-se não tanto em reprimir a desobediência, como em preveni-la. Neste sentido, Hegel, Durkheim e Foucault coincidiriam em que o poder estatal, mais do que triturar indivíduos, os produz, tendendo a instituir o social.

18 Foucault, L'Ordre du discours, pp. 50-51

-nietzschanos. Permanece, no entanto, o cenário ocidental da *Fábula*¹⁹, onde “o fraco termina compreendendo e legitimando sua incapacidade de resistir”²⁰. Escutando ecos da voz de Nietzsche ao comentar o evangelho:

La antíteses de toda pugna, de todo sentirse-a-sí-mismo en lucha se ha vuelto aquí instinto: la incapacidad de oponer resistencia se convierte aquí en una moral (“no resistas al mal”, la frase más honda de los evangelios, su clave, en cierto sentido), la bienaventuranza en la paz, en la afabilidad, en el no-poder-ser enemigo.²¹

Desta maneira Foucault resistiria em forma anti-hegeliana, se aceitarmos que Hegel é o pensador da ontologia da não resistência, onde a dialética iria mais longe que aquele “não resistas ao mal”, ao ordenar que “pactes com a dor, que compreendas que não eres tú quem ela lesa, mas é o Si que ela enriquece. Incapacidade de resistir transformada em ontologia”²². Discursivamente sabemos que recorre com humor ao “modelo Nietzsche”; que poderia ser o modelo de ser sem modelo (se entendido como paradigma platônico) ou uma matriz circular que não produz cópias

19 Nietzsche, Crepúsculo de los Ídolos, pp.51-52 e meu escrito: Nietzsche, a fábula ocidental e os cenários filosóficos.

20 Lebrun, O avesso da dialética: Hegel à luz de Nietzsche, p.184

21 Nietzsche, El Anticristo, af.29, pp.64-65. Conservamos a tradução ao castelhano, pois entre as consultadas é mais próxima do original: Gerade der Gegensatz zu allem Ringen, zu allem Sich-in-Kampf-fühlen ist hier Instinkt geworden: die Unfähigkeit zum Widerstand wird hier. Moral (“widerstehe nicht dem Bösen” das tiefste Wort der Evangelien, ihr Schlüssel in gewissem Sinne), die Seligkeit im Frieden, in der Sanftmut, im Nicht-Feind-sein-können. (Der Antichrist, p.53) Podemos mencionar também o fragmento póstumo da primavera de 1988, n.14[65], in KSA, vol.13, p.250 (cit. in: Giacoia, Nietzsche, o humano como memória e como promessa, p.206) em que Nietzsche refere-se à herança, não de enfermidades, porém de “constituições enfermizas (Krankhaftigkeit): a impotência (Unkraft) na resistência contra o perigo de emigrações nocivas, etc.; a força de resistência quebrantada - expressado moralmente: a resignação e a humildade diante do inimigo”.

22 Lebrun, O avesso da dialética, p. 184.

idênticas (se recorrermos às artes plásticas²³). É assim como reencontra a problemática de uma resistência que não quer ser negativa, nem carregar ressentimento. Desta maneira toma distancia do fanatismo, isto é, da hipertrofia (sobreabundante nutrição) de um único ponto de vista e de uma única perspectiva do sentimento²⁴, que se dobra sobre si, e, reforçando-se, vem se manifestar como vingança ?

Em todo caso, se analisado desde essa perspectiva surgem numerosas problematizações e complexas ligações com o cenário filosófico, pois ao considerarmos que Foucault fez da resistência um “conceito-arma-afirmativo”, temos que considerar, ao mesmo tempo, sua luta conceitual para enfrentar esse desafio, apesar de sua aparente ruptura com a história da filosofia...

II - O parente guerreiro.

Num relato de Roberto Matta, em que se refere às análises comuns sobre a genealogia dos parentescos afirma: “estudam-se sempre as coisas pelo seu lado guerreiro. Os únicos parentes aos que a maioria trata de encontrar são os parentes aos que lhes fizeram estátuas”²⁵. Nessa perspectiva, principalmente nas análises que já realizamos sobre a discurso-grafia de Foucault nos anos 90, fomos seduzidos a pensar a resistência, deste nosso pretenso “parente intelectual”, a partir de sua leitura de Clau-

23 Por exemplo, os trabalhos de Rosa Esteves, a partir de matrizes circulares.

24 La ciencia jovial, af.347, p.281.

25 Autorretrato. Nuevas conversaciones con Matta, Entrevistas de Eduardo Carrasco, Santiago, Ed. LOM, p. 42.

sewitz. Desta maneira, a ordenação das andanças da resistência na discursografia de Foucault, nos parecia obedecer a uma **tipologia guerreira**, onde era possível distinguir um primeiro momento de *resistência-não* ou, em termos guerreiros de *resistência-defesa*, defesa pontual que se inseriria na guerra cotidiana do presente²⁶ e que em linguagem de Clausewitz seria uma forma onde “o defensor está em melhor posição para surpreender pela forma e força de seus ataques”²⁷, porque na guerra “a posição e o começo pela defesa são privilegiados e mais fortes que a ofensiva”. Nesta perspectiva Foucault reconhecerá efetiva e finalmente que a resistência como um **não** constitui uma forma mínima, mesmo que em determinados momentos extremamente importante, em que se pode fazer do não uma forma de “resistência decisiva”²⁸. No entanto, em termos de Clausewitz, após uma vitória à defensiva aumenta a força relativa e “no desenvolvimento natural da guerra começa-se pela defensiva e conclui-se com a ofensiva”²⁹. Neste ponto as referências foucaultianas à resistência pareciam-nos desembocar num segundo momento de “*resistência afirmação*” ou, em linguagem bélica, de *resistência ataque* em que a antiga ocupação foucaultiana de afirmar determinados conceitos para liberá-los “daquilo que é animado

26 Alguns exemplos referidos na discursografia foucaultiana são: a peregrinação a Lourdes (desde o final do século XIX até hoje) como resistência à medicalização autoritária de corpos e enfermidades (Nascimento da medicina social, in: Microfísica do Poder, p.97), a emergência do “homem infame”, como resistência ao modo de um indicador artificial de luz no mundo da mediocridade, à medida que tornam-se luzes vidas medíocres que tinham a possibilidade de lutar contra o poder reutilizando suas forças e fugindo de suas armadilhas.(La vida de los hombres infames, p.182)

27 Clausewitz, Da Guerra, p.432.

28 Dits et écrits IV, p.741.

29 Idem, p.428.

pelo poder do negativo”³⁰ não se encontrava somente em suas referências a Bataille e Blanchot³¹, reaparecendo em sua leitura do *Anti-Edipo* como resistência à construção de determinados modelos de submissão, resistência ética e discursiva na que, sem ingenuidade, Foucault elaborava uma lista de adversários. Ao mesmo tempo, a resistência reaparecia em outro nível, ao participar pontual e ativamente dos grupos multivocais³² como constituição de uma vontade política que não se podia reduzir a uma simples indignação. Desenvolvendo essa dimensão era possível interpretar a expressão discursográfica “*onde existe poder, existe resistência*” como constitutiva de um *onde existem resistências, existem poderes e perigos a serem diagnosticados*. Com essa inversão operacional, sem preexistência substancial, o próprio operador se transformava num “ponto de Arquimedes” para as análises *microfísicas* efetuadas pelo “intelectual específico”³³. Também, como resistência-afirmação, era possível considerar a pesca de Foucault na antiguidade greco-romana, na medida que a *enkrateia*, isto é, a forma ativa de direção de si mesmo, surgia ligada à problemática da resistência, como uma relação agonística e um combate espiritual.³⁴ Nesse caso os adversários caracterizavam-se por constituir “uma parte

30 “Préface à la transgression”, in *Critique* 195, 196, p.756.

31 Cabe mencionar, neste esforço afirmativo, duas tentativas iniciais: Liberar do negativo o conceito de “transgressão” (de Bataille) e fazê-lo afirmativo ao designar “l’être de la différence” (Foucault, 1963, p.756.); pensar o princípio de contestação (de Blanchot) fora de uma negação generalizada, como “afirmação não positiva” (Foucault, 1963, p.756, 757.)

32 *La Vida de los hombres infames*, p.314.

33 Remeto ao meu artigo “Mapeamentos problemáticos de uma ‘tarefa intelectual’ em Michel Foucault” pp.35-47

34 *L’usage des plaisirs*, pp.74-90

de si mesmo”³⁵. Ponto problemático, porque Foucault, ao desconsiderar a crítica de Schopenhauer/Nietzsche às categorias kantianas e ao acentuar a constituição de novas relações (com os outros, consigo mesmo), deixava sua discursografia ligada à herança filosófica da *relação recíproca*. Por exemplo, numa entrevista de 1980³⁶ explicitará como uma relação entre dois sujeitos livres é uma relação de poder, a medida que é uma relação em desequilíbrio e um pode atuar sobre outro. Todavia, abre a possibilidade de pensar essa relação em termos de reversibilidade, como, por exemplo, na alternância de papéis na relação erótica (*rapport érotique*), de maneira que se atua sobre uma conduta, porém isso se pode inverter, constituindo uma forma de poder reversível e não somente repressiva. Cria-se dessa forma um matiz ao problema de uma determinada relação recíproca...

III O salto catalisador.

Limitar-nos-emos a seguir a situar discursivamente a última transformação desse percurso como um novo modo de investigação das relações de poder: “*utilizar a resistência como um catalisador químico*”³⁷. Uso estratégico e microscópico onde o instrumento não se limita simplesmente a ampliar os acontecimentos/resistência de-tectados; porém procura acelerá-los. Mediante esse *procedimento* seria possível avaliar “as

35 Idem, p. 79

36 « Interview 1980 », in: L’origine de l’herméneutique de soi, Vrin, 2013, p.145-146.

37 Foucault, “Deux essais sur le sujet et le pouvoir: I. Pourquoi étudier le pouvoir: la question du sujet; II. Le pouvoir, comment s’exerce-t-il?”, in H. DREYFUS & P. RABINOW. Michel Foucault. Un parcours philosophique .p. 300.

*relações de poder, ver onde elas se inscrevem, descobrir seus pontos de aplicação e os métodos que utilizam*³⁸. A medida que mais se circunscreve a luta pontual esta se apresenta mais atuante, mais afirmativa, buscando socavar uma *técnica particular, uma determinada forma de poder*, predominando atualmente, segundo o diagnóstico de Foucault, “a luta contra técnicas e formas que transformam os indivíduos em sujeitos submissos e obedientes”³⁹. Desta maneira, procurando novas *formas de subjetividade* emergem as resistências ativas e produtivas das minorias. Isto é, à margem dos “modelos estabelecidos”⁴⁰, onde permanece a força de um signo simulador, por exemplo, avaliando como resistente a histórica frente ao poder psiquiátrico.

Por outra parte, e segundo nossa leitura, Foucault-escritor de livros⁴¹, teria criado, constantemente, armadilhas na forma de procedimentos discursivos e ordenações externas de seus próprios discursos resistindo de partida e “histericamente” aos leitores perigosos. Sabemos que leu Kierkegaard em silêncio e, talvez, em sentido kierkegaardiano realizava saltos, não precisamente entre estágios, porém saltos mortais desde o cenário filosófico até um *fora* a-categorial, onde a resistência não poderia nem sequer ser um predicável da categoria de ação recíproca. Consciência

38 Ibidem.

39 Idem, pp.301-303.

40 As considerações de Deleuze são pertinentes: não distinguir quantitativamente maiorias e minorias, diferentemente distingui-las por possuir ou não possuir um “modelo”. O modelo define as maiorias, conseqüentemente, as minorias não o têm e, por isto, constituem um devir, um processus” in: Deleuze, Pourparlers. pp.234-5.

41 Observemos que em seus cursos Foucault é repetitivo e não monta armadilhas para leitores perigosos. Armadilhas e terreno minado por “bombas de humor” que, no entanto, seriam inseparáveis, formando parte do terreno de seus textos-escritos.

da dificuldade de um trabalho sem categorias filosóficas como esboçado, por exemplo, no *Theatrum Philosophicum*. Reparemos que as tentativas a-categoriais, já eram recolhidas por Frédéric Gros desde o Prefácio das *Palavras e as Coisas*, na imagem da Enciclopédia chinesa citada por Borges até Magritte, porém como um desaparecimento da “mesa de trabalho”, ao perguntar a si mesmo se a mesa desmoronada era aquela das categorias de Kant.⁴² Ao que teríamos que acrescentar os saltos no vazio, que criam seu próprio solo, e onde, conforme ao expressado na materialidade discursiva do *Theatrum Philosophicum*, inscreve-se um lançamento conjunto de dados e regras, de modo que cada escrito, lançaria seus dados e suas regras e, ao mesmo tempo, constituiria uma mesa sempre provisória.

Em todo caso é nessa forma ficcional-produtiva que, segundo nossa leitura, a resistência catalisadora constitui-se num novo porta-voz, não já Zaratustra – como seria o caso do Zaratustra de Nietzsche analisado segundo a interpretação do *Theatrum Philosophicum* – porém o porta-voz de Foucault, que na figura de um pessimismo ativo atravessa o diagnóstico do presente e, como tal, configura-se de uma forma não somente racional. Empresa que se sabe perigosa e, por isso, tratará de lançar pela borda a tipologia de Paulo, isto é, a vingança de quem não podia cumprir a lei e resolve ser “uno” com o Cristo que o perseguia.

Por outra parte, a discursografia mostra conjuntamente resistências diferenciais e plurais. Foucault enfatizará as que tomam distância do que aparece como evidente e cristalizado. A partir desta nossa leitura, aqui 42 “O que desaparece na heterotopia (isto é, na Enciclopédia China de Borges) é ‘a famosa mesa de trabalho’”. Que mesa é esta que aqui se desmorona, sino a das categorias de Kant?” GROS, F. “De Borges a Magritte”, in: Michel Foucault, *a Literatura e as Artes*, p.22.

simplesmente esboçada em três imagens, Foucault não ficaria na “ideia”⁴³ de resistência nem em sua história filosófica; efetuaria um percurso pela estratégia guerreira e um salto ao utilizar *a imagem* do catalizador químico. Expressando um mecanismo de constituição ou vestindo um pensamento a imagem é concebida a distância da herança platônica, quer dizer, para além da *Ideia*, configurando-se como um “curto-circuito mental, que mediante uma centelha resolve um problema filosófico ou abre novas perspectivas associando conceitos aparentemente separados”⁴⁴. Assim, enfrentando o desafio Foucault-transgressor recriaria a resistência como uma criança (*Kinde*), ou como um Paulo sem ressentimento o que o impulsiona a dizer finalmente, numa entrevista de 1982⁴⁵, que se não houvesse resistência, não haveria relações de poder (*rappports de pouvoir*). Haveria somente obediência. Suas pesquisas sobre Cassiano tinham-no levado a perceber que “a obediência chama à obediência”⁴⁶. Neste sentido a resistência seria caracterizada, finalmente, como a palavra chave e a mais importante da dinâmica do poder. Cito Foucault: “A resistência vêm primeiro, permanece superior a todas as forças do processo (*processus*); obriga, sob seu efeito, a mudar (*changer*) as relações de poder”⁴⁷.

43 Foucault, desde a Arqueologia dirá que as mudanças discursivas não são simplesmente de ideias, mas das práticas que as rodeiam. Em 1980 e após todas suas descrições em termos de dispositivos afirmará que “as ideias não têm poder por si mesmas, que as instituições não têm poder por si mesmas. Elas têm poder na medida em que pessoas as controlam” (pp. 134,135)

44 Paolo D’Iori, Nietzsche na Itália, p.141.

45 « Michel Foucault, une interview : sexe, pouvoir et la politique de la identité ». Toronto, 1982

46 Por intermédio da leitura de Cassiano seria possível perceber também como a obediência é e deve ser anterior a toda ordem e mando. (Foucault, Du Gouvernement des vivants (1979-1980), p.265.)

47 Dits et Écrits, IV, pp. 740-741.

Distanciamento problemático

Todavia, a resistência não chama simplesmente resistências “liberadoras”. Desde sua enunciação até nossos dias escutamos as constantes reações que este porta-voz de Foucault suscitou e ainda suscita. Dizia-se em 1989 que, ao introduzir noções normativas, o Foucault das resistências deveria dizer porque a luta é preferível à submissão, e também porque é necessário resistir ao regime moderno de saber-poder⁴⁸. Atualmente argumenta-se sobre a necessidade de avaliar o resultado do “combate espiritual” (que Foucault descreveu como articulado genealógicamente ao “cuidar de si mesmo” do pensamento greco-romano), porque as formas do capitalismo atual fariam do indivíduo um empresário de si mesmo conforme ao modelo de competência estabelecido, constituindo um cenário onde o indivíduo efetua uma auto-exploração de forma voluntária e apaixonada⁴⁹. De maneira que não mais tratar-se-ia de pensar a relação de *biopoder*, porém Foucault, segundo a afirmação de Chul-Han, por exemplo, teria que ter efetuado o giro à *psicopolítica*. Já para Rodrigo Castro “os pontos de resistência são o princípio que sustenta a dinâmica que conduz aos diferentes cenários do poder: o modelo pastoral, a lógica da soberania e, finalmente, o *biopoder*”⁵⁰. Por isso, e uma vez que a distinção está ligada etimologicamente ao diagnóstico, acrescentemos a necessidade de uma *distinção* cuidadosa entre reações, críticas e problematizações, às

48 Nancy Fraser, “Foucault on Modern Power: Empirical Insights and Normative Confusions” cit. in Michel Foucault Lectures Critique, pp.19-20.

49 Psicopolítica, p.46

50 Castro, Foucault y el cuidado de la libertad. p.449.

que poderíamos somar os perigos próprios as operações relacionais e alquímicas⁵¹ produtos das “novas categorias” ou operadores foucaultianos que, em parte, substituíam determinadas categorias filosóficas. Citemos algumas: matizes, acentos e tons na problemática da verdade, transformação constante, uso pontual, caminho ondulatório (o entre, o ziguezague, o caranguejo), o surfe do pensamento, diversos eixos problemáticos, posições diversas (autor como função variável; do discurso, por exemplo), auto-deformação anamórfica em suas pesquisas e ordenações. Trabalho formal⁵² onde muitos dos termos com que Deleuze caracterizaria posteriormente a “sociedade de controle”⁵³ já tinham sido trabalhados formal e metodologicamente na discursografia, permanecendo a dúvida de uma aplicação proposital em que já se vislumbravam as “categorias” da sociedade de controle antes de sua cristalização e eram usadas estrategicamente para desmontá-la ou, que talvez atualmente, viriam a reforçar o próprio âmbito do controle. Talvez não se trate somente de resolver um “problema categorial”, nem de apagar o “filósofo como forma soberana e primeira da linguagem filosófica”⁵⁴, mas de uma busca permanente de novas armas. Neste sentido finalizo minha exposição com o mesmo cineasta citado na epígrafe:

As imagens querem independência. Querem se fazer notar, ser algo mais importante que uma simples sinalização. Querem ‘contar seu próprio conto’, como se diz na minha terra.

(Raúl Ruiz)

51 Que já esboçávamos em 1994: Fios, teias e redes, pp.90-92

52 Se seguirmos a indicação de Foucault sobre as lutas entre formas a partir do século XX.

53 Deleuze, *Pourparlers*, pp.246-247

54 Nigro, “Foucault, leitor e crítico de Bataille e de Blanchot”, in: *op.cit.*, p.43.

Referências Bibliográficas

BRANCO, R.M. “Lá onde há poder, há resistência”, Dissertação de Mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2013.

CASTRO, R. Foucault y el cuidado de la libertad. Santiago de Chile, LOM, 2008.

_____. “El dispositivo Psi. Locos, Psicólogos y Empresarios”, in: O mesmo e o outro, 50 anos da História da Loucura, Salma Tannus Muchail, Márcio Alves da Fonseca, Alfredo Veiga-Neto (org.) Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2013.

CLAUSEWITZ, Carl Von. Da Guerra. trad. Teresa Ramos Pinto Barroso. São Paulo, Martins Fontes, 1979.

COUZENS HOY, D. “Introduction”. In: Michel Foucault. Lectures Critiques. Trad. Jacques Colson. Brouxelles, Ed. Universitaires, De Boeck Université (coll. Le Point Philosophique), 1989. pp.11-37.

CHUL HAN, B. Psicopolítica, traducción Alfredo Bergés, Barcelona, Herder Editorial, 2014.

DELEUZE, Pourparlers. Paris, Les Éditions de Minuit, 1990.

D'IORI P. Nietzsche na Itália, trad. J.A. d'Ávila Melo, Rio de Janeiro, Zahar, 2014.

DUPONT, N-A L'Impatience de la liberté, Paris, Kimé, 2010.

ESTEVEVES, R. <https://sites.google.com/site/rosamariaestevesmigotto>

FOUCAULT, M. Dits et écrits. Paris, Gallimard, 1994, 04 vols.

_____. L'archéologie du savoir. Paris, Gallimard, 1969.

_____. L'Ordre du discours (Leçon inaugurale du Collège de France, 2 décembre 1970). Paris, Gallimard, 1971

_____. Volonté de savoir, Paris, Gallimard, 1969.

_____. Leçons sur la volonté de savoir, Paris, Gallimard, 2011.

_____. L'usage des plaisirs. Histoire de la sexualité II. Paris, Gallimard, 1984.

_____. Le souci de soi. Histoire de la sexualité III. Paris, Gallimard, 1984.

_____. “Não ao sexo rei” (com B-H. Lévy), trad. Angela Loureiro de Souza. In: *Microfísica do Poder*. 5a ed. Rio de Janeiro, GRAAL, 1985. pp.229-242.

_____. *La vida de los hombres infames. Ensayos sobre desviación y dominación*. Presentación Fernando Savater, Edición y trad. Julia Varela y Fernando Álvarez Uría. Madrid, Las Ediciones de La Piqueta, 1990.

_____. *Microfísica do Poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 5a ed. Rio de Janeiro, GRAAL, 1985.

_____. « Préface à la transgression ». *Critique* 195-6, 1963, p. 751-769.

_____. « La pensée du dehors ». *Critique* 229, 1966, 523-546.

_____. « *Theatrum philosophicum* ». *Critique*, no 282, nov. 1970, pp. 885-908.

_____. “Deux essais sur le sujet et le pouvoir: I. Pourquoi étudier le pouvoir: la question du sujet; II. Le pouvoir, comment s’exerce-t-il?”, in H. DREYFUS & P. RABINOW. Michel Foucault. *Un parcours philosophique*. Paris, Gallimard, 1984, pp.297-321.

_____. “À propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours” (avec H.Dreyfus et P. Rabinow, Berkeley, avril 1983), in H. DREYFUS & P. RABINOW. Michel Foucault. Un parcours philosophique. Paris, Gallimard, 1984, pp.322-346.

_____. « Interview 1980 », in: L'origine de l'herméneutique de soi, Vrin, 2013.

_____. Le Gouvernement de soi et des autres. Cours au Collège de France 1982-3, Paris, Gallimard/Seuil, 2008.

_____. Dossier Michel Foucault, in: Le Magazine Littéraire, 207.1984.

_____. Le courage de la vérité. Le Gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France 1984. Paris, Gallimard/Seuil, 2009.

_____. Du Gouvernement des vivants (1979-1980) Paris, Gallimard, 2012

GIACOIA, O. Nietzsche, o humano como memória e como promessa, São Paulo: Ed. Vozes. 2013

GROS, F. “De Borges a Magritte”, in: Michel Foucault, a Literatura e as Artes, P.Arrières (org.), tradução P. de Souza e J.Tenfen, São Paulo, Rafael Copetti ed. 2014.

KANT, I. Kritik der reinen Vernunft. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1998.

_____. Crítica da Razão Pura, Trad. M. Pinto dos Santos e A. F. Morujão, Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian. 1985.

LEBRUN, G. “Note sur la phénoménologie dans Les Mots et les Choses” in : Michel Foucault philosophe. Rencontre internationale, Paris, 9,10,11 janvier 1988, Des Travaux, Seuil, Paris, 1989, p.33-53.

_____. ”Foucault ao vivo”, in: Jornal da Tarde, Cadernos de Programas e Leituras, 30/06/1984.

_____. O avesso da dialética: Hegel_à luz de Nietzsche. Tradução: Renato Janine Ribeiro. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. _

_____. O que é poder Trad.R. J. Ribeiro. São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense. 1984.

MATTA, R. Autorretrato. Nuevas conversaciones con Matta, Entre-

vistas de Eduardo Carrasco, Santiago de Chile, Ed. LOM, 2002.

MUÑOZ, Y. Fios, teias e redes. O solo foucaultiano. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1994.

_____. “Foucault, o outro que passa por nós” in: O mesmo e o outro, 50 anos da História da Loucura, Salma Tannus Muchail, Márcio Alves da Fonseca, Alfredo Veiga-Neto (org.) Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2013.

_____. “Problemas de uma teoria das ciências humanas”, Integração, ano II, no6, ago., 1996 (São Paulo).

_____. “Mapeamentos problemáticos de uma ‘tarefa intelectual’ em Michel Foucault”, in: Revista Margem nº 12 (Indisciplinas e perspectivas civilizatórias), Faculdade de Ciências Sociais, PUC-SP, Dezembro de 2000, pp. 35-47.

_____. “Algumas relações entre diagnóstico e subjetividade nos percursos foucaultianos”, Campinas, Unicamp, Revista Aulas N 3, dezembro 2006-março 2007, pp.1-22 in: <http://www.unicamp.br/~aulas/index.htm>.

_____. “Obedecer! Escutando ecos nos escritos de Michel Foucault e Paul Veyne”, *RevistaSofia, UFES*, v. 4, n. 2 (2015): Filosofia Francesa Contemporânea, in:<http://www.periodicos.ufes.br/sofia/article/view/11562>

_____. Nietzsche, a fábula ocidental e os cenários filosóficos. São Paulo: Ed. Paulus, 2014.

NIETZSCHE, F. Kritische Studienausgabe der Werke Nietzsches (KSA). Hrsg. v. G. Colli und M. Montinari. München, DTV / W. De Gruyter, 1980, 15 vols.

_____. La ciencia jovial. “La gaya scienza“, traducción José Jara, Valparaíso, Universidad de Valparaíso Editorial, 2013.

_____. Así habló Zaratustra. Trad. A. Sánchez P., Madrid, España: Alianza Editorial. 2007

_____. El Anticristo. Trad. A. Sánchez P., Madrid, España: Alianza Editorial. 2009/ Der Antichrist. Frankfurt, Insel Verlag, 1986.

_____. Crepúsculo de los Ídolos. Trad. A. Sánchez P., Madrid, España: Alianza Editorial., 1973.

NIGRO, “Foucault, leitor e crítico de Bataille e de Blanchot”, in: Michel Foucault, a Literatura e as Artes, P.Arrières (org.), tradução P. de Souza e J.Tenfen, São Paulo, Rafael Copetti ed. 2014

RUIZ. R.Entrevistas escogidas-Filmografía comentada, Santiagode Chile, Ed. Universidad Diego Portales, 2013.

_____. Poéticas del cine, trad. Alan Paulus, Santiagode Chile, Ed. Universidad Diego Portales, 2013.

SCHOPENHAUER, A. Kritik der Kantischen Philosophie,in: Sämtliche Werke. Ed. Crítica de Paul Deussen, 16 vol. München: Piper Verlag, 1911-1941.

SCHOPENHAUER, A.Crítica da Filosofia kantiana, In: Schopenhauer, Os pensadores, Tradução M.L.Mello e Oliveira Cacciola, São Paulo, Abril Cultural, pp.84-182.

VEYNE, P. “Foucault et le dépassement (ou achèvement) du nihilisme”, in Michel Foucault philosophe. Rencontre Internationale. Paris, Éd. du Seuil, 1989.

_____. “Foucault révolutionne l’histoire”, in Comment on écrit l’histoire, suivi de Foucault révolutionne l’histoire. Paris, Éd. du Seuil,

il, 1979.

_____. Foucault. Sa pensée, sa personne, Paris, Albin Michel, 2008.